

Tereza Batista cansada de guerra: um olhar feminista acerca da personagem

Tereza Batista cansada de guerra: a feminist perspective on the character

Larissa Gerasch¹
Ângela Cristina Trevisan Felippi²

RESUMO: Este trabalho analisa, a partir de uma pesquisa bibliográfica, a personagem Tereza Batista, do romance *Tereza Batista cansada de guerra* (1972), de Jorge Amado. O contexto no qual a obra foi produzida e a sua relação com o feminismo atual foram levados em consideração, assim como a influência da maternidade e da sexualidade na construção da identidade feminina. A análise da obra permitiu uma leitura contemporânea feminista a partir de uma perspectiva interseccional.

ABSTRACT: This work analyzes, from a bibliography on current feminism, the character Tereza Batista, from the novel *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) by Jorge Amado. The context in which the work was produced and its relationship with feminist studies are taken into account, as well as the influence of motherhood and sexuality in the construction of female identity. The examination of the work allowed a contemporary feminist reading from an intersectional perspective.

PALAVRAS-CHAVE: Feminismo; Literatura; Identidade.

KEYWORDS: Feminism; Literature; Identity.

¹ Mestranda em Letras e bolsista PROSUC/CAPES no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (PPGL/UNISC), que tem como área de concentração "Leitura: estudos linguísticos, literários e midiáticos". Professora de Língua Inglesa no Colégio Mauá, em Santa Cruz do Sul. Membro do grupo de pesquisa "Literatura e identidade na América Latina". Pós-graduada em Educação Bilíngue e Cognição pela Instituição Evangélica de Novo Hamburgo - IENH (2021-2023). Graduada em Letras - Português/Inglês pela UNISC (2017-2021)

² Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2006), mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2000) e graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (1990) e em História pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição (1991). Pós-doutorado em Comunicación - Recepción y Cultura, da Universidad Católica del Uruguay (2019). Professora das graduações em Comunicação Social (2000-atual); professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (2007-atual) e Programa de Pós-Graduação em Letras (2020-atual).



1. Introdução

Em 1958, atento às transformações econômicas que, gradualmente, estavam dando visibilidade às mulheres, o escritor baiano Jorge Amado (1912-2001) publicou *Gabriela, cravo e canela*, obra em que colocou em evidência uma mulher racializada e mostrou que, assim como o homem, a mulher também aprecia a liberdade e têm seus próprios desejos. Outra heroína de Jorge Amado, também racializada, é Tereza Batista, do romance *Tereza Batista cansada de guerra*, publicado em 1972, quando o país ainda estava sob regime militar. Nessa mesma década, os movimentos feministas ganharam força no Brasil. Portanto, dado o contexto da época, através da criação de uma personagem forte como Tereza Batista, Amado contribuiu para uma transformação social, impulsionando-a por meio de sua arte.

Os estudos culturais britânicos, considerando a noção alargada de cultura e as contribuições feministas desta teoria a partir da segunda metade do século passado, constituem a abordagem teórica com a qual se pretende aqui examinar a obra *Tereza Batista Cansada de Guerra*. A proposta é compreender a personagem principal à luz dos movimentos feministas do período de construção da obra e atuais, percebendo modos de leitura da obra no tempo presente.

Em relação à organização do texto, inicialmente, haverá a discussão de alguns aspectos da terceira onda do feminismo, como meio de contextualizar o que estava acontecendo durante o período de produção do referido romance amadiano. Na segunda parte, será proposta uma reflexão acerca da construção da

identidade feminina em sociedade; e, por fim, analisar-se-á a personagem Tereza Batista à luz do feminismo contemporâneo.

2. O Feminismo nos anos 70

Embora muito recorrente na contemporaneidade, o termo “feminismo” ainda não é bem compreendido por todos, pois ainda que muitas pessoas o reconheçam como um caminho para tornar as mulheres livres da opressão masculina — que atravessa os séculos —, o patriarcalismo faz com que outras o concebam como modismo e, inclusive, como algo que pode prejudicar a chamada “essência feminina”. Nesse sentido, se faz importante a colocação de Carla Cristina Garcia (2011, p. 12) que destaca, como objetivo dos diversos tipos de feminismo, “lutar pelo reconhecimento de direitos e oportunidades para as mulheres e, com isso, pela igualdade de todos os seres humanos”. Na obra *Breve história do feminismo*, a autora discute suas principais ondas:

o feminismo pré-moderno: em que podemos encontrar as primeiras manifestações da polêmica feminista; o feminismo moderno ou a primeira onda: que começa com a obra de Poulain de la Barre e o movimento de mulheres da Revolução Francesa que ressurgiu com toda a força nos grandes movimentos sociais do século XIX chamado também de segunda onda e o feminismo contemporâneo — ou a terceira onda - que abarca o movimento dos anos 60 e 70 e as novas tendências que nasceram no final dos anos 80. (GARCIA, 2011, p. 24)

Neste trabalho, tendo em vista o ano de publicação da obra literária analisada — *Tereza Batista cansada de guerra* (1972) —, nos aproximamos do contexto da terceira onda do feminismo, para a qual *O segundo sexo*, de Simone de



Beauvoir (1908-1986), publicado pela primeira vez em 1949, contribui com as principais bases teóricas. Em sua obra, a filósofa francesa questiona o quê, de fato, é ser mulher. No primeiro volume, intitulado *Fatos e mitos*, Beauvoir (1970, p. 10) observa que “a humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo”.

Seria possível afirmar que realmente existe uma essência feminina? E por que o mundo se constitui por meio da perspectiva masculina? Em *Fatos e mitos*, Beauvoir reúne diversos conhecimentos para mostrar essa suposta essência das mulheres, mas frisa que nenhum dos aspectos relacionados à vivência feminina é suficiente para justificar a situação de subordinação a qual estão submetidas. Já no segundo volume, *A experiência vivida*, a escritora propõe uma reflexão sobre como foi sendo construída uma identidade feminina a partir das experiências das mulheres, que por sua vez, são determinadas pelo sistema.

Outra pensadora muito importante nessa terceira geração é Betty Friedan (1921-2006), que lança um olhar crítico para a condição de domesticidade das mulheres de seu tempo. Friedan interroga sobre o perfil de mulher americana que estava sendo desenhado, influenciado pela sociedade do consumo, que começava a desabrochar, eram “perfeitas donas de casa que necessitavam de perfeitos eletrodomésticos” (GARCIA, 2011, p. 84). O descontentamento emocional das mulheres com suas próprias vidas é explicado pela autora em *A mística feminina* (1963), como algo resultante dessa tentativa de, após a conquista de direitos, retirá-las da vida pública para voltarem à vida privada.

Em 1966, Friedan fundou a Organização Nacional para as Mulheres (NOW), representando o feminismo liberal, que ficou conhecida por “definir a situação das mulheres como desigual — e não de opressão e exploração — e por postular a

reforma do sistema até conseguir a igualdade entre os sexos” (GARCIA, 2011, p. 85). Mais tarde, surgiu o feminismo radical, trazendo importantes contribuições, como “os grandes protestos públicos, o desenvolvimento de grupos de autoconsciência e a criação de centros alternativos de ajuda e autoajuda” (GARCIA, 2011, p. 88).

Segundo Cynthia Sarti (1998), o feminismo no Brasil eclodiu em 1970, principalmente, como uma reação ao período da ditadura militar, ainda que fatores como a mudança na condição feminina a partir de 1960 e o impacto internacional do feminismo também tenham corroborado para isso. Sobre as ações das feministas radicais brasileiras, Elizabete Rodrigues da Silva (2010) observa:

Atos como a queima pública de soutiãs, a sabotagem de comissões de peritos sobre o aborto, formadas por uma maioria de homens, fizeram com que a voz do feminismo, através das radicais entrasse em todos os lugares e não só criaram espaços próprios de auto-ajuda e de estudo, mas desenvolveram uma saúde ginecológica não patriarcal, motivando as mulheres a conhecerem seu próprio corpo. Também fundaram centros para atender e defender mulheres maltratadas pelo companheiro. O movimento é a expressão concreta das reflexões e produções teóricas das feministas sobre as relações pessoais como relações de poder, também questionando a separação entre o público e o privado [...] (RODRIGUES DA SILVA, p. 5).

De acordo com Claudia de Lima Costa (2010), é a partir das práticas e estudos das feministas de Birmingham, a partir dos anos de 1970, e não propriamente das primeiras obras dos Estudos Culturais, que se pode promover uma discussão mais rica acerca das relações entre cultura, política e poder. De acordo com Ana Carolina D. Escosteguy (2020), as feministas causaram uma “interrupção” na agenda dos Estudos Culturais, inaugurando os estudos culturais feministas. Alguns aspectos que constituem essa mudança são listados pela autora:



a abertura para o entendimento do âmbito pessoal como político e suas consequências na construção do objeto de estudo dos Estudos Culturais; a expansão da noção de poder que, embora bastante desenvolvida, tinha sido apenas trabalhada no espaço da esfera pública; a centralidade das questões de gênero e sexualidade para a compreensão da própria categoria 'poder'; a inclusão de questões em torno do subjetivo e do sujeito; e, por último, a reabertura da fronteira entre teoria social e teoria inconsciente — psicanálise. (ESCOSTEGUY, 1998, p. 2-3).

Todavia, antes mesmo de os movimentos feministas ganharem força no Brasil, na literatura nacional, as mulheres já superavam os códigos patriarcais. Questões muito importantes para as feministas, tais como a violência, a subjugação feminina, o estupro e o aborto são colocadas em evidência pelo romancista baiano Jorge Amado, aponta Sudha Swarnakar (2015). Suas personagens têm destinos incomuns para a realidade de sua época e, apesar de toda a sua doçura, não são passivas; ao contrário, lutam pelas suas vontades e decidem o próprio destino. Além disso,

as personagens femininas de Amado não são apresentadas como objeto, mas como sujeito dentro do ambiente narrativo, subvertendo, assim, padrões tradicionais de subordinação e alienação típicos das sociedades ditas patriarcais”, conforme Ediliane Lopes Leite de Figueiredo (2022, p. 85).

Tereza Batista, assim como Dora, Gabriela, Dona Flor e Tieta, é uma dessas personagens. Todavia, diferente de todas as outras heroínas amadianas, Tereza torna-se uma líder social. Através de *Tereza Batista cansada de guerra*, Amado

viabiliza uma reflexão sobre uma realidade ainda comum a muitas mulheres, que, assim como a sua personagem, são vítimas de diferentes tipos de violência.

3. Construção de identidade feminina

Através dos estudos de Beauvoir (1967), foi apresentada a ideia de que os conceitos de homem e mulher são construções sociais. Para justificar isso, a autora reflete sobre as diferenças na criação de meninos e meninas. Enquanto eles são, desde cedo, estimulados a usar a sua força e a agir corajosamente, às meninas são dadas bonecas e ensinadas tarefas domésticas. Logo, a pensadora ficou conhecida pela seguinte colocação:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Laraia (2006, p. 19-20) segue a mesma linha de pensamento, afirmando que:

o comportamento dos indivíduos depende de um aprendizado, de um processo que chamamos de endoculturação. Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada.

Essa associação do feminino ao cuidado do lar e dos filhos também é reforçada pela mídia em geral, basta verificarmos que os anúncios de produtos de limpeza ou de eletrodomésticos, por exemplo, sempre apresentam a figura de uma



mulher. Sherry Ortner (1979), por sua vez, concorda que homens e mulheres são diferentes biologicamente, mas que as noções de superioridade e inferioridade só ganham sentido dentro de um sistema culturalmente definido.

Em relação ao papel de esposa, Oyèrónké Oyěwùmí (2020) ao falar do feminismo branco, explica que, no centro da teoria feminista, a mulher enquanto esposa, fica restrita ao ambiente doméstico; como um caracol, ela carrega a casa. Preocupa o fato de que, talvez, ela nunca transcenda aos limites da família nuclear. Para o feminismo negro, o espaço doméstico também precisa ser discutido.

Como é pontuado por Lélia Gonzalez (2020, p. 270), as mulheres racializadas trazem consigo “as marcas da exploração econômica e da subordinação racial e sexual”. A ativista compreende que a dupla opressão determina os espaços que essas mulheres ocupam na sociedade brasileira, e que tais lugares podem ser percebidos através da configuração de estereótipos, como os de mulata e doméstica:

O termo “doméstica” abrange uma série de atividades que marcam seu “lugar natural”: empregada doméstica, merendeira na rede escolar, servente nos supermercados, na rede hospitalar etc. Já o termo “mulata” implica a forma mais sofisticada de reificação: ela é nomeada “produto de exportação”, ou seja, objeto a ser consumido pelos turistas e pelos burgueses nacionais. Temos aqui a enganosa oferta de um pseudomercado de trabalho que funciona como um funil e que, em última instância, determina um alto grau de alienação. Esse tipo de exploração sexual da mulher negra se articula a todo um processo de distorção, folclorização e comercialização da cultura negra brasileira.

De acordo com Luiza Bairros (2020), duas versões do feminismo buscam fazer uma definição da mulher com base em vivências vistas como universais. Uma

delas apoia-se na maternidade como elemento central da identidade feminina — o que torna as mulheres um grupo diferente —, enfatizando noções patriarcais do que é tradicional ou feminino. Tal versão, “por outro lado, não evita a manifestação de interesses contraditórios, como bem demonstram as dificuldades que existem ainda hoje para definir um entendimento comum para temas como aborto ou até mesmo direitos reprodutivos” (BAIRROS, 2020, p. 215).

A relação entre a natureza e a cultura, no mundo ocidental, está ligada à exploração da mulher/mãe, lembra Cristina Maria Teixeira Stevens (2005). Os estudos feministas, revisitando o conceito de maternidade, buscam entender suas características e processos a partir da perspectiva da mãe e apontam para mudanças nos conceitos de maternidade e de família, decorrentes de transformações sociais, econômicas e políticas.

No campo da literatura, verifica-se que, por muito tempo, os assuntos ligados à maternidade foram silenciados e, a própria figura materna é de identidade inexistente, sendo considerada somente a partir do momento em que gera uma criança. Os estudos feministas, a partir dos anos 70, têm se debruçado acerca da maternidade na literatura, apontando para os diversos sentimentos a ela subjacentes e para outras imagens maternas. Contribuindo para criar práticas mais libertárias a respeito da maternidade, a literatura passa a ressignificar imagens antes vistas como negativas. “Essas imagens são discursivamente transformadas com associações positivas que passam a produzir subjetividade e identidades novas para a mulher-mãe [...]” (STEVENS, 2005, p. 61).

Já a outra versão do feminismo apoia-se na sexualidade, concebida como algo que une as mulheres, uma vez que coloca todas elas como objeto sexual do homem. Contudo, novamente, não é possível generalizar experiências, dado o fato de que as opiniões compartilhadas pelas mulheres acerca de questões como



assédio sexual, por exemplo, distinguem-se entre si. Esse grande foco na experiência, veio a reforçar a ideia de que, de fato, “o pessoal é político”.

4. Análise da obra com base no feminismo atual

Em *Tereza Batista cansada de guerra* é narrada, de forma não linear, a vida de uma jovem do sertão baiano, que enfrenta a pobreza e a violência desde muito cedo. Conforme Joselia Aguiar (2018), a personagem teve como embriões Maria Cabaçu, de *Suor* (1934), e Rosa Palmeirão, de *Mar Morto* (1937) e, possivelmente, tenha sido inspirada em uma prostituta que Amado conheceu e que revelara ao autor estar cansada de guerra. “Sua epopéia é narrada por vozes diversas, de Mãe Senhora ao poeta Castro Alves defunto, e, a certa altura, à maneira de um romance de cordel. É ousado do ponto de vista político e erótico” (AGUIAR, 2018, p. 480)

O romance inicia-se com Tereza já adulta, na noite de sua estreia no Paris Alegre, um dos principais cabarés de Aracaju. Embora muitos homens, admiradores de sua beleza, tivessem grandes expectativas em relação a tal estreia, o desfecho foi muito diferente do que imaginavam. A “moça de cobre”, como a chamavam, presenciou, enquanto dançava, uma cena de agressão a uma mulher, o que a deixou profundamente irada, enfrentando o agressor e cuspiendo em seu rosto. O motivo pelo qual Tereza não admitia que um homem maltratasse uma mulher é explicado à medida que a narrativa volta-se para o passado da protagonista.

Órfã, mestiça, não tendo completado ainda seus 13 anos, Tereza vivia com um casal de tios. Malvada, ambiciosa e percebendo que a beleza de Tereza despertava o interesse de seu marido, a tia decidiu vendê-la ao capitão Justiniano

da Rosa, homem branco, de posses, temido pela população local e conhecido pelo seu “colar de cabaços” — cada elo, representava uma menina por ele deflorada.

O pagamento fora de “um conto e quinhentos, uma carga de mantimentos e um anel de pedra falsa” (AMADO, 2008, p. 73). Percebendo a rebeldia de Tereza e o quanto ela o rejeitava, Justiniano sentia-se ainda mais atraído, encontrando prazer ao ver sua expressão de medo e espancando-a em diversos momentos. Coloca-se, então, uma questão ainda muito preocupante nos dias de hoje, a violência sexual, pois mesmo que existam leis e proteção à mulher, avanços são necessários. No dizer de Sueli Carneiro:

[...] a impunidade é uma chaga que permanece cúmplice da violência contra a mulher. Permanece para vocês mais esse desafio, de assegurar que os operadores da Justiça criminalizem efetivamente a violência doméstica e sexual que continuam vitimizando as mulheres. (CARNEIRO, 2018, p. 108).

No caso das mulheres racializadas, a situação de violência é ainda mais alarmante. Um estudo realizado em 2021, pela Escola de Enfermagem e Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (PESQUISA..., 2023), mostrou que o grupo de mulheres que mais sofre violência sexual no Brasil é constituído por mulheres nordestinas, negras, com baixa escolaridade e faixa etária entre 18 e 24 anos. A dura realidade enfrentada por essas mulheres é resultado de um olhar preconceituoso, que se consolidou na cultura ao longo dos anos:

Embora tratado como um debate novo em nossa sociedade, esse tipo de relação [...] faz parte da tradição cultural que vem perpetuando até os nossos dias a prática impunemente tolerada de utilização das mulheres negras, especialmente as empregadas domésticas, como objetos sexuais destinadas à iniciação sexual dos jovens patrões ou diversão sexual dos mais velhos. [...] Note-se que



estamos diante de um continuum histórico que passando da mucama à doméstica, mantém tradição de uso e abuso sexual da mulher negra. (CARNEIRO, 2017, p. 17).

Irritado com uma das tentativas de fuga por parte de Tereza Batista, o capitão queimou seus pés, fazendo com que ela começasse a obedecê-lo. Diante desse contexto de extrema crueldade em que a personagem se encontra, pode-se verificar que ela é uma vítima do coronelismo, assim como diversas outras meninas que viveram naquela época. O coronelismo foi um sistema político brasileiro que vigorou da segunda metade do século XIX ao início do século XX, em que os grandes proprietários de terras, donos de grande fortuna, dominavam o poder. Seu posicionamento em relação ao sexo feminino reflete na atualidade, sendo marcado pelo extremo machismo:

[...] macho para com as fêmeas, mulheres suas — muitas vezes, mais de uma ao mesmo tempo —, que lhe deixam prole de filhos tanto legítima quanto ilegítima; macho também para brabeza: brabeza para matar, de mandar matar, dar surras; valentia para desafiar cangaceiros ou mesmo a polícia. (VILAÇA e ALBUQUERQUE, 2006, p. 58-59).

Passado algum tempo, flagrando Tereza no quarto com o jovem Daniel, filho de um juiz, o capitão, que não admitia traições, enfureceu-se. Contudo, Tereza mostrou-se mais forte e o assassinou. Após todo o sofrimento que Justiniano lhe causara, Tereza passou a trabalhar como prostituta em Salvador. Apesar de estar livre da condição de escrava sexual do coronel, a vida como prostituta também lhe trouxe grandes dificuldades. Certa vez, na cidade de Buquim, onde ela estava vivendo, o governo definiu que os cabarés deveriam desapropriar-se do bairro em

que estavam localizados, a Barroquinha, como forma de dar espaço à construção de uma área turística. Assim, as prostitutas deveriam mudar-se para uma região extremamente precária. O pensamento machista da época impedia qualquer tipo de negociação:

— A gente não se muda. Nem que morra na cadeia, ninguém vai apodrecer naquele lixo.

O delegado perde a contenção, esmurra a mesa, mete o dedo na cara da velha, machão, como definiu Carmen Cotias, née Sardinha:

— Pois vão apodrecer aqui. Comissário, mande levá-las de volta para o xadrez.

O comissário, de bom humor, propõe:

— Umas dúzias de bolos em cada uma, na hora do almoço e do jantar, em vez de comida. É bom regime, vão querer mudar logo, o doutor vai ver. (AMADO, p. 397).

Corajosa, Tereza mobilizou as demais prostitutas para iniciarem um movimento que ficou conhecido como “greve do balaio fechado”, fazendo com que, mesmo a contragosto, a população percebesse o impacto que a paralisação do trabalho das prostitutas causava à vida na cidade como um todo. Além disso, também foram elas — novamente, lideradas por Tereza Batista — que cuidaram de toda a população quando a bexiga assolou a cidade e nem mesmo o médico e a enfermeira haviam permanecido naquela realidade, fugindo. Apesar de toda a sua compaixão pelos doentes, Tereza e todas as demais continuaram sendo menosprezadas em razão de seu ofício:

vaso ruim não quebra mesmo. Morreu tanta gente direita e nessa vagabunda que até no lazareto se meteu de intrometida, nada lhe pegou, bem podia a bexiga ter ao menos lhe comido a cara (AMADO, 2008, p. 236).



A visão que se tinha acerca das prostitutas era tão preconceituosa que Emiliano — de quem Tereza tornou-se amásia —, embora aparentasse ter grande apreço por ela, pediu que ela abortasse quando soube de sua gravidez, pois, na concepção dele, seria muito vergonhoso ter um filho com uma prostituta. Contudo, mesmo diante de todas as adversidades e do preconceito sofrido, Tereza Batista mostrou-se uma mulher transgressora devido à sua resistência ao lutar por liberdade e justiça.

Ao pensarmos na condição de um grupo social a partir do encontro entre as variantes de gênero, raça e classe, podemos entender como se estabelece a hierarquia social, que culmina em alguns tipos de opressão, como a que é sofrida por Tereza Batista, mulher, mestiça e de classe menos favorecida economicamente. Logo, o pensamento interseccional pode, inclusive, nos ajudar a entender os motivos pelos quais uma mulher pode ter optado pela prostituição, uma vez que aponta para questões que não são perceptíveis quando gênero e raça, por exemplo, são considerados de forma isolada, conforme María Lugones:

A interseccionalidade revela o que não é visível quando categorias como gênero e raça são conceitualizadas separadamente. O movimento para intersectar essas categorias foi motivado pelas dificuldades de tornar visível aquelas/es dominadas/os e vitimizadas/os nos termos de ambas categorias. Embora cada um/a na modernidade capitalista eurocêntrica seja racializado/a egenderado/a, nem todos são dominados/as ou vitimizados/as com base em seu gênero ou raça. [...] É somente quando percebemos o entrelaçamento ou fusão do gênero e da raça que vemos efetivamente a mulher de cor. (LUGONES, 2007, p. 192-193).

No Brasil, um exemplo de instituição que defende mulheres estigmatizadas — nesse caso, as negras —, atuando na luta pela difusão de novas ideias acerca da negritude e das questões de gênero, dentre tantas outras temáticas polêmicas em sociedade, é o Instituto Geledés. Fundado em 1988, realiza projetos próprios ou em conjunto com outras organizações, com o intuito de defender a cidadania. Dentre tantas ações, engaja-se nas batalhas dos movimentos negros, apoia a firmação de políticas públicas que valorizam a população negra, defende a legalização do aborto e busca o rompimento dos estereótipos criados acerca das mulheres pela mídia. Atuações como a do Instituto Geledés geram um impacto muito positivo.

Superadas as desigualdades de tratamento entre grupos, finalmente, será mais fácil reconhecer que mulheres de diferentes grupos podem ensinar muitas coisas através do compartilhamento de suas vivências, que tanto revelam sobre o funcionamento da sociedade e suas relações de poder.

5. Considerações finais

Durante a releitura de *Tereza Batista cansada de guerra*, mais uma vez, foi perceptível o empenho de Jorge Amado em criar uma personagem que, de fato, superasse os códigos sociais, posicionando-se como figura transgressora. Tendo em vista a terceira onda do feminismo, marcada pelas lutas em prol da igualdade e a discussão acerca de temas como o aborto e a violência, é notória a condição de Tereza Batista enquanto símbolo de resistência feminina.

Verifica-se que o foco dado à experiência, especialmente à sexualidade, como um fator de influência na identidade feminina, também é explorado nesse romance. Aos olhos do capitão, o prazer sexual era algo restrito ao homem, sendo a mulher apenas um objeto erótico, com o dever de servi-lo. Da mesma forma, é



pautada a maternidade, também considerada uma função feminina. No entanto, percebe-se o quanto essa questão é complexa no caso de Tereza Batista, uma prostituta. Embora a protagonista, dentro das condições em que se encontrava, sempre tentasse subverter o que lhe era imposto, nota-se que, nessa situação em específico, a decisão de abortar não é propriamente dela, mas trata-se de um determinismo social. Temerosa das dificuldades pelas quais seu filho poderia passar, com uma mãe julgada pelo seu ofício e não dispendo de suporte paterno, acaba abortando.

O entre-lugar ocupado por Tereza Batista — que, do ponto de vista patriarcal, era objeto de desejo sexual, mas ao mesmo tempo, não era vista como uma mulher digna de se casar e formar uma família — bem como os fatores que a colocaram nessa condição, quando pensados sob perspectiva interseccional, revelam a árdua realidade enfrentada ainda hoje por muitas mulheres negras.

Referências bibliográficas

AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AGUIAR, Joselia. *Jorge Amado: uma biografia*. São Paulo: Todavia, 2018.

BAIRROS, Luiza. Nossos feminismos revisitados. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 212-221

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Vol 1: Fatos e mitos. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Vol. 2: A experiência vivida. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

CARNEIRO, Sueli. Eixos articuladores da violência de gênero: o racismo e a violência racial. In.: *Revista Themis*, Fortaleza: 5 (5): 14-23, 2017. Disponível em:

<https://themis.org.br/wp-content/uploads/2019/05/revista-themis-finalizada.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2022.

CARNEIRO, Sueli. *Escritos de uma vida*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2018.

COSTA, Claudia de Lima. Feminismo, tradução cultural e a descolonização do saber. In.: *Fragmentos*, Florianópolis: 21 (2): p. 45-59, jul./dez. 2010.

Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/29649/24801>.

Acesso em: 19 mar. 2022.

RODRIGUES DA SILVA, Elizabete. Feminismo radical - pensamento e movimento. *Travessias*, Cascavel, v. 2, n. 3, p. e3107, 2010. Disponível em:

<https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/3107>. Acesso em: 22 jul. 2023.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. A contribuição do olhar feminista. *Intexto*, Porto Alegre, v. 1, n. 3, p. 1-11, jan./jun. 1998. ISSN 1807-8583. Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/3367/3951>. Acesso em: 26 nov. 2022.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. Estudos culturais feministas: a importância de afirmar uma nomeação. *Líbero*, São Paulo, v. 23, n. 46, p. 10-25, 2020.

Disponível em:

<https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1207>. Acesso em 4 jul. 2023.

FIGUEIREDO, Ediliane Lopes Leite de. Um olhar jusliterário para o universo feminino poético e revolucionário de Jorge Amado. In.: SOUZA, Douglas de.



(Org.) *Itinerário 90 anos de literatura amadiana: navegações pela vida e obra do escritor*. São Luís: Editora da Universidade Estadual do Maranhão; Teresina: Cancioneiro, 2022, p. 79-100.

GARCIA, Carla Cristina. *Breve história do feminismo*. São Paulo: Claridade, 2011.

GONZALEZ, Lélia. Cultura, etnicidade e trabalho: Efeitos linguísticos e políticos da exploração da mulher. In: RIOS, Flavia; LIMA, Márcia (Orgs.). *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 25-44.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura, um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LUGONES, María. Heterosexualisms and the Colonial/Modern Gender System. *Hypatia* v. 22. n. 1, 2007. p. 186-209. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4640051>. Acesso em: 22 jul. 2023.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, p. 83-122.

ORTNER, Sherry B. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: Rosaldo, M.; Lamphere, L. (orgs.). *A mulher, a cultura, a sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p. 95-120.

SARTI, Cynthia A. *O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido*. In.: XXI Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois, p. 12, set. 1998. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/Sarti.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2022.

STEVENS, Cristina Maria Teixeira. Resignificando a maternidade: psicanálise e literatura. *Gênero*, Niteroi, v. 5, n. 2, p. 65-79, 2005. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3781>. Acesso em: 22 jul. 2023.

SWARNAKAR, Sudha. Jorge Amado: A Writer with Feminist Vision. In.: CHAVES, Vania Pinheiro; MONTEIRO, Patricia (Orgs.). *100 anos de Jorge Amado: o escritor, Portugal e o Neorrealismo*. Lisboa: CLEPUL, 2015, p. 747-762.

PESQUISA REVELA QUE MULHERES JOVENS, NEGRAS E POBRES SÃO AS MAIS ATINGIDAS POR VIOLÊNCIA ÍNTIMA. *Escola de Enfermagem UFMG*. Disponível em: <http://www.enf.ufmg.br/index.php/noticias/2330-estudo-revela-que-mulheres-jovens-negras-e-pobres-sao-as-mais-atingidas-por-violencia-intima>. Acesso em: 26 jul. 2023.

VILAÇA, Marcos Vinícios; ALBUQUERQUE, Roberto Cavalcanti de. *Coronel, coronéis: apogeu e declínio do coronelismo no Nordeste*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

Recebido em 27/07/2023

Aceito em 07/12/2023